

## O LEGADO EDUCACIONAL DA CONGREGAÇÃO NOSSA SENHORA DE SION NO PARANÁ

### THE EDUCATIONAL LEGACY FROM THE CONGREGATION OUR LADY OF SION IN PARANÁ, BRAZIL

Evelyn de Almeida Orlando<sup>1</sup>  
Márcia Izabel dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda a chegada das congregações católicas no Brasil enfatizando, especialmente, a congregação Nossa Senhora de Sion, sua história e ações educativas na capital curitibana com o objetivo de destacar a presença francesa na formação do patrimônio cultural brasileiro e, especificamente, no Paraná. Produzido no campo da História da Educação e sob os pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural, buscou-se cotejar diferentes tipos de fontes como os relatórios da congregação, atas de sessões, correspondências, e outros documentos da Arquidiocese de Curitiba, a fim de verificar esse movimento de chegada das congregações no Paraná e os modos pelos quais se afirmaram na região. A partir de meados do século XIX, várias congregações oriundas de diversas regiões do mundo se instalaram no Brasil e contribuíram para o fenômeno de imigração dessas congregações que tinham como objetivo, na maioria das vezes, o trabalho educativo e também voluntário em hospitais, asilos, ou instituições filantrópicas. No caso da Congregação Nossa Senhora de Sion, pode-se dizer que a educação foi a via privilegiada e as moças da elite, seu público-alvo nos diferentes estados em que se instalou, dentre eles, o Paraná.

**Palavras-chave:** Congregações francesas. Ensino. Colégio Nossa Senhora de Sion. História da Educação.

**Abstract:** This article discusses the arrival of Catholic congregations in Brazil, emphasizing especially the Congregation of Our Lady of Sion, its history and educational activities in Curitiba, in order to highlight the French presence in the formation of Brazilian cultural heritage, and more specifically in Paraná. Produced in the field of History of Education and under the theoretical and methodological assumptions of the New Cultural History, we attempted to collate different source types, such as the congregation reports, session records, letters and other documents of the Roman Catholic Archdiocese of Curitiba, in order to check this movement of congregations arrivals in Paraná and the ways in which they have settled themselves in the region. From the mid-nineteenth century, various congregations from diverse regions of the world have settled in Brazil and contributed to the immigration phenomenon of these congregations that focused, for the most part, the educational as well as volunteer work in hospitals, nursing homes, or charities. In the case of the Congregation of Our Lady of Sion, it can be said that education was the way chosen, and the elite girls were its target audience in different states where they have settled, figuring Paraná among them.

**Keywords:** French congregations. Education. School Our Lady of Sion. History of Education.

### Introdução

Produzido no campo da História da Educação e sob os pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural, este artigo aborda a chegada das congregações católicas no Brasil enfatizando, especialmente, a congregação Nossa Senhora de Sion, sua

---

<sup>1</sup>Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Doutora em Educação pela UERJ.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Bolsista CAPES

história e ações educativas na capital curitibana com o objetivo de destacar a presença francesa na formação do patrimônio cultural brasileiro e, especificamente, no Paraná.

A Congregação Notre Dame de Sion (Nossa Senhora de Sion) foi fundada na França, no ano de 1843. O nome Sion é derivado da palavra Sião, nome do monte situado a 765 metros de altura, símbolo da cidade de Jerusalém e do povo de Israel.

Segundo Colombo (2013, p. 59) “a fundação da Congregação Notre Dame de Sion ocorreu em um período de grandes crescimentos das congregações religiosas. Entre 1800 e 1880, quatrocentas novas congregações apareceram na França”. A missão da congregação Nossa Senhora de Sion caracteriza-se pelo seu carisma que “propõe a educação global do homem consciente. E as reflexões bíblicas são a base para a formação cristã que o Sion oferece” (NOTRE DAME DE SION, 2015).

A congregação é a realização da visão de seus fundadores, dois irmãos: Théodore Ratisbonne e Marie-Alphonse Ratisbonne. Théodore vivia com sua família, em meados do século XIX, em uma comunidade judaica de Estrasburgo na França.

A criação de um catecumenato iniciou as atividades da Congregação, em 1843, na Rue Plumet, em Paris, com o objetivo principal de educar meninas judias à luz da filosofia cristã.

Havia um número considerável de famílias estrangeiras, sem recursos, especialmente famílias israelitas, a existência de uma casa religiosa para educá-las se fazia necessária e veio ao encontro dos ideais e da vocação do então padre Théodore.

Por meio da colaboração de duas senhoras da alta sociedade alsaciana – Sophie Stouhlen e Louise Weywada - o projeto de Ratisbonne pode efetivar-se; ambas possuíam uma renomada experiência na área educacional e haviam seguido Théodore, seu confessor, em direção à Paris (COLOMBO, 2013, p. 62).

A Congregação continuou crescendo e o número de catecúmenas também aumentou, logo, surge a necessidade de mudança para instalações mais adequadas e uma casa na Rue de Regard, nº 9-11 foi o endereço escolhido para a consagração da casa Notre Dame de Sion. Segundo Colombo:

O ano de 1847 é considerado o ano chave para o estabelecimento definitivo da Congregação. Em 15 de janeiro, um breve apostólico de Pio IX aprovou a “Comunidade das Senhoras regularmente estabelecidas em Paris, sobre a denominação de Notre Dame de Sion”. Outras pessoas de valor vieram juntar-se ao mesmo grupo: Louise Hortense Foulon e a futura soeur Louise Marie Humann (COLOMBO, 2013, p. 62).

No ano de 1853 foi fundado, em Paris, na Rue Notre Dame des Champs, outro colégio que viria a ser a sede da Congregação. Já em 1855, a Congregação Notre Dame de Sion fundou uma seção masculina, a Congregação dos Religiosos de Notre Dame de Sion. Na mesma época, Pe. Théodore traçava as linhas da vocação apostólica que deveriam orientar os membros das congregações:

Vós dais ao mesmo tempo, uma das mãos ao povo de Israel e a outra ao povo cristão ...Levais a semente a todas as cidades do mundo uma vez que os restos de Israel se dispersaram e que em cada lugar deveis estar prontas para os acolher e instruir e lhes franquear as portas da Igreja...Nosso Senhor dera aos Apóstolos a missão especial de pregar o Evangelho ao povo judeu: *Ite potius ad oves quae perierunt domus Israel* (MONDÉSERT, 1956, p. 25).

Nos registros do Colégio, as ações do Padre Théodore eram consideradas inovadoras para a época. Algumas dessas inovações constam no Relatório do Antigo Sion de Curitiba. Dentre elas, destacamos:

- Os avisos: alguns minutos de palestras espiritual onde a mestra traça o sentido moral do dia;
- As notas: cada aluno ao termino de suas aulas deverá fazer a própria avaliação do seu dia e dizê-lo a mestra de classe em voz alta. Forma o poder de autoanálise e da autoconscientização;
- A oração: a oração que abria as aulas não era fórmula vã. Exigia recolhimento e aproveitava destes curtos instantes para falar sobre a presença de Deus ou qualquer outro assunto de piedade (RELATÓRIO DO ANTIGO SION DE CURITIBA, 2002, p. 17).

Em 8 de Setembro de 1863, Pio IX aprova oficialmente a instituição e suas constituições foram sancionadas em 14 de Dezembro de 1874 (COLOMBO, 2013, p. 63). No final do século XIX a Congregação expandiu-se mundialmente:

Em 1856 a comunidade de Sion fundou um colégio em Istambul, sob a direção da Mère Louise Weywada. As alunas pertenciam a etnias diversas, assim como possuíam diferentes religiões, sendo a maioria mulçumana e algumas cristãs e israelitas. Essa casa, que teve mais de 150 anos de existência, foi o primeiro liceu de jovens na Istambul do império Otomano. Durante a primeira Guerra Mundial, as irmãs foram obrigadas a partir e o colégio foi fechado até o final do conflito (COLOMBO, 2013, p. 64).

Em Curitiba a chegada da congregação se deu em 1888, segundo Mendonça e Lacerda:

as primeiras religiosas chegaram ao Brasil em 9 de Outubro de 1888, convidadas pela condessa Cecília Monteiro de Barros, da sociedade carioca. Em Curitiba, a história começou em 11 de junho de 1906, com a chegada de M. M. Agathe e um pequeno grupo de irmãs, cuja tarefa era de iniciar um novo apostolado, fundando a Casa de Curitiba (2009, p. 91-92).

A Congregação espalhou-se também por outras regiões: Inglaterra, Armênia, Romênia, Espanha, Itália e países da África; já em terras brasileiras, segundo Mendonça e Lacerda (2009).

Colombo (2013, p. 71) elencou, ainda, estabelecimentos Notre Dame de Sion segundo o tipo e localização:

**Quadro 2: Estabelecimentos: tipos e localização**

GRUPOS COMUNIDADE	DE	CASAS	COLÉGIOS	CENTROS	TOTAL
América Central		6	2	1	9
Austrália/ Filipinas		13	3	1	17
Brasil / Argentina		14	5	2	21
Canadá / EUA		30	3	-	33
Europa		30	6	-	36
Mediterrâneo		15	3	1	19
Romênia		12	-	1	13
Reino Unido / Irlanda		15	1	-	16
<b>TOTAL</b>		<b>135</b>	<b>23</b>	<b>6</b>	<b>164</b>

Fonte: COLOMBO, 2013, p. 71.

A vinda da congregação Nossa Senhora de Sion para o Brasil no ano de 1889 trouxe uma nova perspectiva para o ensino. Onde se instalavam, as irmãs de Sion desenvolviam um trabalho de cunho educativo voltado para a elite, e um trabalho social proporcionando educação também à algumas meninas pobres e/ou órfãs, o que coloca o colégio em uma condição de prestígio social e referência educacional na sociedade devido ao trabalho efetivado nessas duas dimensões e ao alto valor moral, cultural e pedagógico cultivados na instituição. É importante destacar que a ação dos colégios de Sion esteve sempre diretamente relacionada à vida da congregação. Entender um passa necessariamente por entender o outro.

A ata das sessões capitulares localizadas no Brasil já no século XX, estipula as regras a serem seguidas pelos componentes da congregação e apresenta algumas considerações importantes. Enfatiza, por exemplo, a formação espiritual das noviças, comparando-as a uma árvore frutífera:

A noviça é uma árvore frutífera que ainda não tem frutos, mas que um dia os terá. A questão é saber como cultivar esta árvore para que ela dê frutos; pois se ela não dá frutos, ela será apenas madeira a ser queimada. – O que é necessário fazer para que a macieira tenha maçãs? Primeiro, quando a macieira é ainda jovem e flexível, nós a apoiamos a um bastão que chamamos *tutor*, e assim amarrada por laços fortes, a mantemos direita, e impedimos que ela caia (ATA DAS SESSÕES CAPITULARES, 18/08/1946).

A formação também está baseada em conteúdos bíblicos, e sobre as dificuldades e tentações que incidem sobre as pessoas, é citada a passagem na qual Jesus é tentado pelo demônio no deserto como forma de incentivá-las a não esmorecerem:

Toda a vida cristã corre dentro das alternativas e dos balanços entre o bem e o mal, entre o céu e a terra; a conduta a adotar nestes momentos de dificuldades não é indiferente, e devemos nos lembrar, para permanecer fortes, do exemplo de Jesus Cristo no deserto, tentado pelo demônio, e que saiu vitorioso da luta. Nosso Senhor vinha receber o Batismo das mãos do santo João Batista; o Céu o céu estava aberto sobre sua cabeça, e sua glória foi manifestada diante de todas as pessoas pela voz de Deus: Vós sois meu filho amado, em quem eu me comprazo (ATA DAS SESSÕES CAPITULARES, 18/08/1946).

Em relação à gestão da congregação no Brasil, as escolhas tanto da madre superiora quanto das conselheiras eram feitas por eleição. À guisa de ilustração, segue uma informação indicativa da convocação para eleição da madre superiora:

O Capítulo Geral da Congregação de Nossa S. De Sião, convocado regularmente, se reuniu em nossa matriz, em Paris, em 17 de agosto sob a presidência de V. Em.<sup>a</sup> o Cardeal Suhard, para proceder à eleição da Revm<sup>a</sup> Madre Superiora Geral. A Revm<sup>a</sup> Madre Marie Amédée, já eleita pelo Capítulo de 1931, e reeleita pelo Capítulo de 1937, foi novamente proclamada Madre Superiora Geral, por unanimidade de votos, a postulação necessária para uma terceira eleição já foi confirmada por Roma, e promulgada por Sua Eminência (ATA DA SESSÃO CAPITULAR DO XIV CAPÍTULO GERAL, 17 DE AGOSTO DE 1946).

Sobre a finalidade da congregação há um longo capítulo explicando os meios e as obras que contribuem para o alcance dos objetivos propostos pela mesma:

- A Congregação de Nossa Senhora de Sião é uma família religiosa que tem por objetivo geral a glória de Deus, a santificação dos membros que a compõem e a santificação do próximo pela observância dos três votos simples que são os de pobreza, de caridade e obediência e das presentes Constituições.

- Seu objetivo especial é a santificação das crianças da casa de Israel. É sobretudo em vista desta obra de caridade que as religiosas de Sião oferecem suas orações, seus trabalhos, seus sacrifícios, e que elas se consagram com uma fidelidade inabalável a Jesus e Maria.

- Elas carregam em seus corações esta palavra evangélica: *“Ite potius ad oves quae perierunt domus Israel”*. A exemplo das filhas de Jerusalém, elas seguem Jesus e Maria no caminho da cruz, e repetem a reza do Salvador crucificado: *“Pater, dimitte illis, nom enim sciunt quid faciunt”*.

- Algumas casas da Congregação são reservadas às almas chamadas à vida contemplativa. As religiosas destinadas a este tipo de vida são especialmente devotadas à adoração do Santíssimo Sacramento. Elas encontram-se enclausuradas, embora não haja grades, e citam integralmente o grande Culto romano.

- As religiosas que se juntam à oração das atividades apostólicas, por exemplo nas obras de educação, observam apenas o enclausuramento previsto no can. 604.

Algumas religiosas, chamadas de “Filhas de Nossa Senhora de Sião” exercem o seu apostolado mesmo em ambientes não cristãos ou descristianizados, usando roupas seculares. Elas têm as mesmas obrigações religiosas que as outras Irmãs e usufruem os mesmos direitos. Seus regulamentos e suas atividades próprias são determinadas em um consuetudinário especial.

– Dentro de circunstâncias excepcionais, as Irmãs permanecem fixas no ramo que elas escolheram ao entrar no noviciado.

– É proibido mudar o fim especial da Congregação, que é a santificação de Israel ou associar à ela de maneira permanente, sem a autorização da Santa Sé, outras obras não incluídas nas presentes Constituições (ATA DA SESSÃO CAPITULAR, CAPÍTULO 1, 17/08/1946)

E, novamente, a ênfase na formação espiritual retomada no décimo capítulo da referida Ata.

– A Comunidade das Filhas de Sião abraça os conselhos evangélicos e aspira santificar-se por uma fé forte, pelo distanciamento das coisas da terra, pela oração e comunhão frequente, por uma submissão inviolável ao sucessor de Santo Pierre, o príncipe dos Apóstolos. Mas o seu caráter distintivo é a caridade, para que possamos testemunhar que todas as religiosas juntas são um só coração e uma só alma.

– É dentro deste espírito e para atrair sobre seus trabalhos as graças mais abundantes, que as religiosas, após o seu noviciado, se consagram ao Senhor pelos votos de pobreza, castidade e obediência, na Congregação de Nossa Senhora de Sião (ATA DA SESSÃO CAPITULAR, CAPÍTULO 10, 17/08/1946).

As citações anteriores constituem uma gama de normas e conselhos da congregação para a efetivação de um trabalho pautado em seu carisma<sup>3</sup> - acolhimento, diálogo, escuta e atitude de discípulo. Tal carisma vai ancorar todas as ações das irmãs da Congregação, inclusive aquelas desempenhadas no âmbito do Colégio.

### **A Congregação Nossa Senhora de Sion no Paraná**

As congregações católicas que chegaram ao Brasil desenvolveram um papel significativo na formação dos jovens, especialmente em relação à educação feminina. A Igreja Católica se encontrava estremecida devido às consequências da Revolução Francesa e com o avanço do Liberalismo, passava por um período de reordenação de sua filosofia, almejando, por meio de novos empreendimentos uma alternativa para manter seu capital simbólico e também econômico (LEONARDI, 2006).

O contexto social em que o Brasil se encontrava cooperou para consolidar a presença destas congregações. Diante das propostas republicanas a Igreja buscava afirmar ainda mais a sua presença no seio da sociedade difundindo os ideais e valores católicos por diferentes estratégias. A maioria das congregações que migravam para o Brasil tinha como objetivo

---

<sup>3</sup> O carisma de uma Congregação pode ser explicado como aquilo que lhe dá forma externa, como um dom que a encaminha para certas atividades. (LEONARDI, 2008, p. 31).

principal o trabalho com a Educação, outras desenvolviam trabalhos de cunho social em hospitais, asilos e orfanatos.

Nessa mesma perspectiva, Leonardi (2008) afirma que desde meados do século XIX observou-se a entrada de um grande número de congregações católicas estrangeiras, sobretudo femininas em nosso país. A maior parte delas tinham como objetivo o trabalho educativo, mas desenvolviam também outras atividades “embora grande maioria dessas congregações afirmasse dedicar-se a Educação, nem todas fundavam colégios imediatamente após sua chegada (MISAKA; LEONARDI, 2010). As autoras ressaltam ainda que:

Conseguir ou não se dedicar a tarefa pretendida dependia da posição dessas congregações no interior da igreja, das condições de sua vinda para o país, e das alianças que logravam construir no país, por quem eram apoiadas ou tuteladas. Religiosas de algumas dessas congregações como a Sagrada Família de Bordeaux, Nossa Senhora do Calvário e Imaculado Coração de Maria, dedicavam-se a diferentes tarefas até que pudessem fundar seu próprio colégio: cuidavam de doentes, dirigiam hospitais, abriam pensionatos e até mesmo ofereciam cursos de filosofia para moças no interior desses pensionatos (MISAKA; LEONARDI, 2010, p. 5).

Com a Proclamação da República (1889), a religião católica deixa de ser oficial no Brasil e o regime padroado também tem seu fim, o que culmina na separação oficial da Igreja e do Estado. Na prática, entretanto, esta separação não ocorreu de fato, uma vez que a igreja se manteve presente de vários modos na Educação. Mas, tais circunstâncias foram tornando cada vez mais imperativo que a Igreja criasse condições para estabelecer o fortalecimento de suas ações, uma vez que, sem a tutela oficial do Estado seria mais difícil manter suas obras, cabendo assim, aos colégios confessionais e internatos essa delegação.

Segundo Leonardi (2006), após a Proclamação da República foi grande o número de escolas confessionais oriundas de congregações instaladas no Brasil. Segundo autora:

as revoluções de inspiração liberal iniciadas na Europa bem como o Ultramontanismo católico podem explicar, em parte, este aumento: algumas congregações chegavam na condição de exiladas, outras vinham por orientação da política ultramontana (LEONARDI, 2006, p. 5).

Nesse sentido, pode-se inferir que a Congregação Nossa Senhora de Sion logrou êxito em seus projetos na esteira do projeto Ultramontano e por ter conquistado alianças importantes desde a sua chegada tanto no Brasil, quanto em Curitiba. Se no Brasil a Congregação chegou ao Rio de Janeiro a convite da Condessa Cecília Monteiro de Barros, em Curitiba contou com o apoio da Arquidiocese e de uma família tradicional da cidade que as acolheu e lhes criou as condições favoráveis para o desempenho de suas funções.

Segundo Achnitz (2006) “essas congregações femininas, concebendo a mulher como a principal disseminadora da devoção católica, tinham como uma das principais características

a supervalorização da figura da Virgem Maria”, assim, as congregações femininas tinham a incumbência de transmitir as práticas devocionais e a visão Ultramontana<sup>4</sup> do mundo.

Todavia, ainda que sob os princípios religiosos da educação feminina, a ação de tais congregações e a formação dada por meio dos colégios permitiu a elas mesmas e às suas alunas um lugar diferenciado na sociedade. De acordo com Achnitz (2006) as congregações religiosas foram responsáveis em promover a educação feminina e ao mesmo tempo faziam parte do projeto ultramontano de afastar seus fiéis das ideias modernas e das propostas da Educação laica. Contudo, a formação que elas davam a suas alunas, embora visasse prepará-las em primeira instância para garantir um bom casamento, ser uma boa mãe e esposa, acabava por lhes fornecer um arcabouço intelectual e cultural potencialmente emancipatório.

Em Curitiba, a chegada das congregações católicas ocorreu a partir de 1895, mas foi no início do século que essa entrada se acentuou, conforme os quadros seguintes:

**Quadro 7 e 8 : Chegada dos Congregações católicas em Curitiba**

<b>Congregações masculinas</b>	<b>Chegada em Curitiba</b>
Seminário São José	1896
Colégio dos Padres Franciscanos (Bom Jesus)	1902
Colégio Santa Maria (Irmãos Maristas)	1925

<b>Congregações Femininas</b>	<b>Chegada em Curitiba</b>
Santos Anjos	1895
Irmãs de São José (francesas)	1896
As Missionárias Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus (italianas)	1900
Irmãs da Divina Providência (alemãs)	1903
As Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo (polonesas)	1904
As Irmãs de Nossa Senhora de Sion (francesas)	1906
As Franciscanas da Sagrada Família (polonesas)	1906

Fonte: (TRINDADE, 1996, p. 26).

É nesse contexto favorável de imigração que as congregações chegam à cidade trazendo na bagagem suas múltiplas culturas. Juntas, de acordo com Trindade (1996), estas congregações fundaram em torno de 23 casas escolares na cidade de Curitiba e nas adjacências, e que dentre todos esses estabelecimentos o mais prestigioso era o da Divina

<sup>4</sup> Segmento conservador da igreja católica. Houve dentro da igreja uma divisão do clero: aqueles que se identificavam com o iluminismo e com o liberalismo, e aqueles conservadores que condenavam a modernidade. Esse clero conservador assumiu o controle da Cúria Romana durante todo o século XIX e boa parte do século XX, sob a denominação de Ultramontanismo, que se iniciou com o pontificado de Pio XII (1800-1823), marcado pela consolidação da doutrina conservadora e vai até o pontificado de João XXII (1958-1963). (ACHNITZ, 2006, p.2).

Providência, o qual contava com 200 alunas em 1906, 510 em 1914 e 744 em 1925. Outras informações relevantes são apresentadas pela autora:

Duas dessas congregações foram fundadas no século XVII (São José e São Vicente de Paulo) e as demais no século XIX. Seus idealizadores, homens, na sua maioria, pertenciam, ou estavam ligados, à hierarquia eclesiástica. Além dos colégios de maior porte, muitas das congregações religiosas, masculinas e femininas, mantêm escolas gratuitas para crianças pobres da vizinhança, escolas paroquiais e orfanatos (o mais famoso é o do colégio Nossa Senhora de Lourdes, no Cajuru). São requisitadas, sobretudo, as femininas pelo governo e por associações particulares, para trabalhos em hospitais, asilos e outras atividades assistenciais. Prestam, ainda, acompanhamento a associações pias (*sic*) e à organização das paróquias (TRINDADE, 1996, p. 26).

No início do século XX Curitiba era uma cidade com pouco mais de 50.000 habitantes. As Irmãs francesas de Sion instalaram-se nesta pequena cidade no ano de 1906, com o processo de urbanização ainda se consolidando.

Neste contexto a Congregação Nossa Senhora de Sion chegou à cidade e edificou a capela e colégio nos moldes das demais sedes do colégio Sion espalhados pelo mundo. A arquitetura dialogava com os ideais republicanos e buscava demonstrar prestígio, ordem, disciplina, civilidade e, com isso, respeito. Fosse pela arquitetura ou pelo lugar onde estavam instalados, os prédios das sedes do colégio eram verdadeiros monumentos ou pequenos palacetes.

Segundo o Relatório do Antigo Sion de Curitiba (2002), o colégio Nossa Senhora de Sion foi fundado em Curitiba em 11 de Junho de 1906, com a chegada de M. M. Agathe e um pequeno grupo de irmãs, que foram incumbidas de iniciar um novo apostolado por meio da Casa de Curitiba, cuja função primordial era abrir um colégio para meninas. Contaram inicialmente com o apoio da diocese e foram acolhidas, inicialmente, pela família Tobias de Macedo, que as hospedou em sua casa, na praça Tiradentes. Ali nasceu o primeiro colégio Sion de Curitiba, com quatorze alunas.

No ano seguinte, com aproximadamente 130 alunas matriculadas, decidiu-se pela construção de um colégio em terreno da Rua XV de Novembro, junto à atual Praça Santos Andrade. Quando já estabelecidas em sede própria, a congregação manteve o colégio administrado e com o corpo docente composto apenas pelas freiras – até 1918, quando vítimas por epidemia, faleceram quase todas as irmãs. As remanescentes transferiram-se para São Paulo e para a cidade mineira de Campanha, tendo sido fechado o colégio de Curitiba. Mendonça e Lacerda (2009) enfatizam que

em 1908, as irmãs compraram um terreno na esquina das ruas XV de Novembro e Conselheiro Laurindo. A construção ficou pronta em 1910 e o colégio funcionou ali até 1919, quando as irmãs tiveram que sair por problemas de saúde – a praça Santos Andrade não existia, e o terreno todo era praticamente um banhado, fértil para o mosquito da febre amarela (MENDONÇA; LACERDA, 2009, p. 92).

Como o colégio era em regime de internato, as alunas paranaenses puderam ser transferidas para outros estabelecimentos. A sede foi entregue à diocese, que a cedeu para a congregação dos Irmãos Maristas, também franceses, para a criação e funcionamento de colégio para meninos.

Sendo reaberto novamente apenas em 1938, vinte anos depois, a sede passou a funcionar na rua José Loureiro nº 282, e agora contava com 34 alunas. Bastante espaçoso, o tamanho do prédio não deixava dúvidas sobre a pretensão de expandir o número de alunas.

No ano seguinte esse número praticamente dobrou e foi preciso alugar outro imóvel. Devido ao aumento no número de matrículas, a congregação comprou uma propriedade na Alameda D. Pedro II n. 178 esquina com Presidente Taunay (atual endereço). Em 17 de Outubro de 1938 foi obtida a Licença para funcionamento, da Secretaria do Interior e Justiça, Diretoria Geral de Educação, com o nome de Colégio Nossa Senhora de Sion, sob a direção da então Irmã Maria Luiz de Sion (MENDONÇA; LACERDA, 2009, p. 93).

Em 10 de Agosto de 1942 passou a se chamar “Ginásio Nossa Senhora de Sion” e com o decreto nº 24.772, de 7 de Abril de 1948, foi reconhecido pela Presidência da República. Em 1949 criou-se o Curso Normal.

Alguns dados obtidos na Arquidiocese de Curitiba em relação à atuação da Congregação, indicam o crescimento do Colégio na década de 1950.

**Quadro 3: Atuação em 1955**

Chegada	1937	
Casas	1	
Irmãs	32	
Aspirantes	8	
Colégios	1	
Alunos	Normal:	47
	Ginásio:	117
	Primário:	178
	Total:	342

Fonte: Boletim Eclesiástico 1955.

Dois anos depois é perceptível o aumento de atendimento em aproximadamente 40 alunos:

**Quadro 4: Atuação em 1957**

Chegada	1937
Casas	1
Irmãs	28
Colégios	1
Alunos	383

Fonte: Boletim Eclesiástico, 1957

Após três anos, com o atendimento da Escola Paroquial o número de pessoas atendidas atinge mais que o dobro.

**Quadro 5: Atuação em 1958**

Chegada		1937
Casas		1
Irmãs		26
Colégios		1
Alunos	Primário	260
	Ginásio:	220
	Normal:	90
	Escola paroquial anexa	420
	Total:	990

Fonte: Boletim Eclesiástico, 1958

Os dados acima apresentados refletem uma presença cada vez mais expressiva dessa Congregação na sociedade curitibana pelo aumento significativo de alunos, mas também nos indica o crescimento da escola em cada um dos seus segmentos atendidos. O primário é o segmento com maior número de alunos, seguido do ginásio setores em que possuem maior tradição, uma vez que o Curso Normal só foi instituído em 1942. Apesar disso, em um período de três anos (de 1955 a 1958), o número de alunas do Curso Normal praticamente duplica, sinalizando um potencial prestígio da instituição também nesse nicho educacional e uma possível proposta pedagógica de continuidade dos estudos para as próprias alunas da escola.

### **Os sentidos da presença francesa: marcas de cultura, civilização e distinção social**

É evidente que o Brasil, mesmo sem uma migração francesa intensa, foi densamente influenciado pela cultura francesa em vários segmentos, não somente por meio do amplo trabalho desenvolvidos pelas congregações, mas também desde a literatura até mesmo a gastronomia, passando pelas artes plásticas, arquitetura e urbanismo.

Parte desta “estima” em relação à cultura francesa remete-se, segundo alguns especialistas, em parte a uma reação ao passado colonial lusitano, como forma de libertar-se do legado português e parte como reflexo da superioridade cultural francesa do século XIX, enquanto o país era considerado exemplo de civilização a ser seguido. Para Coelho (2013) essa condição remota desde a Revolução Francesa:

O francês que surge com a Revolução ocuparia um espaço imaginário no mundo que é, na verdade, desterritorializado, já que o que o definiria seriam os seus princípios universais, que não reconhecem fronteiras, costumes, ou quaisquer outros limites que pudessem impedir que a humanidade se submetesse apenas a razão, rompendo com um passado de tirania e opressão e anunciando um futuro de liberdade, igualdade e fraternidade (COELHO, 2013, p. 56).

Talvez, os ideais da Revolução também tenham servido como sustentação para a ideia de um futuro promissor, onde o próprio lema da liberdade, igualdade e fraternidade culminaram no imaginário coletivo como algo extremamente fantasioso, praticamente utópico, instigando a imaginação das pessoas e corroborando para a aclamação da França como um lugar ideal e posteriormente, no século XIX, berço da civilização universal. Bastos (2008) esclarece que:

A partir da segunda metade do século XVIII – com os primeiros movimentos emancipatórios e com a chegada de D. João VI (1808) - o modelo francês vai gradativamente se impor no Brasil. Assim, o século XIX pode ser considerado como um século de francofonia por excelência, onde a nossa cultura absorveu tudo ou quase tudo o que se produzia na França. (BASTOS, 2008, p. 42).

Segundo o conceito de civilização de Norbert Elias (1994) os elementos civilizatórios referem-se a uma série de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as ideias religiosas e aos costumes (ELIAS, 1994, p. 23). Além destes também as habitações, a maneira como os homens e mulheres vivem, formas de punição determinadas pelo sistema judiciário até mesmo as formas como os alimentos são preparados constituem na visão do autor elementos civilizatórios, pois “nada há que não se possa fazer de forma civilizada ou incivilizada” (ELIAS, 1994, p. 23). Para Ardagh e Jones (2007) “diz-se que toda pessoa civilizada tem duas pátrias espirituais, a de nascença e a França”. Em suas palavras:

A França desempenhou um papel fundamental na civilização europeia e produziu sempre uma fascinação especial. Os franceses podem parecer as vezes um povo difícil, belicoso e egoísta; mas possuem um notável sentido de elegância, um gosto pela boa vida - sua gastronomia e seus vinhos são os melhores do mundo - e uma paixão pelas ideias. Seus triunfos intelectuais e artísticos tiveram uma ampla influência. Durante séculos foi um reino, depois o centro de um império colonial e agora uma república (ARDAGH; JONES, 2007, p. 10).

Nesse contexto, o Brasil recém-independente, assim como o restante do mundo, buscou seguir os pressupostos da cultura e civilidade francesa, cujos modos eram exemplos para o mundo, especialmente no que se referia à educação. Paris por muito tempo foi considerada como o centro do mundo, da cultura, das belas artes e das letras. A França tornou-se também o centro da Filosofia com Montaigne, Pascal e Descartes, Sartre e Ponty, com influência sobre os intelectuais paranaenses, que por vezes apresentavam ideias advindas da vida parisiense a qual seduzia muitos brasileiros.

Em relação à Educação as contribuições francesas foram intensas e valiosas. Na maioria das vezes essas contribuições ocorriam por meio das congregações e suas ações desenvolvidas nos colégios franceses e na apropriação da língua. No Paraná do século XX colégios como o Cajuru, o Sion, o Santa Maria, o Paranaense e os colégios Maristas do interior foram expressões desse “intercâmbio” cultural com a França.

Além dos colégios, a apropriação da cultura francesa se deu também por meio do ensino regular do francês em escolas de outras nacionalidades. Não se pode afirmar, entretanto, que se trata de uma aculturação como imposição de uma cultura sobre outra, porque os brasileiros desejavam ampliar sua formação mergulhando na cultura europeia e se apropriar daquilo que lhes desse mais status de civilização.

Foi sem dúvida uma relação de reciprocidade. A França se irradiando para o mundo e o mundo acolhendo como modelo e referência de civilização. Isso não se perde no Brasil do século XX mesmo com a crescente influência dos Estados Unidos pelo seu poderio econômico e tecnológico.

Segundo Mendonça e Lacerda (2009) em 1837 foi instituída a obrigatoriedade do ensino de francês na escola secundária brasileira que teve início no colégio Dom Pedro II, do Rio de Janeiro. Visto o prestígio da cultura francesa, não foi surpresa que a elite de vários segmentos da sociedade brasileira buscasse elementos da tradição francesa para agregá-las à sua vida cotidiana.

No Paraná estima-se que o primeiro contato com os franceses ocorreu no litoral paranaense, no século XVIII, com a chegada de piratas, mas apenas a partir do século XIX, que os franceses que aqui chegavam passaram a serem vistos com bons olhos. Auguste de Saint-Hilaire visitou o Paraná (ainda vinculado à capitania de São Paulo) entre os meses de Janeiro a Abril de 1820, observando e documentando parte da paisagem paranaense. Segundo Mendonça & Lacerda (2008):

Saint-Hilaire observou e coletou materiais botânicos e zoológicos em viagens ao longo do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul, além da região do rio da Prata [...] o roteiro seguido pelo viajante é o caminho das tropas, até Curitiba (desde Itararé, na divisa de São Paulo), descendo para Paranaguá e Guaratuba para alcançar o litoral norte de Santa Catarina. Saint-Hilaire visitou Jaguariaíva, Castro, Ponta Grossa, Morretes e a série de pequenas localidades intermediárias, fazendo cerca de setecentos quilômetros em território paranaense. Suas descrições, os episódios que narra com invariável fidelidade histórica, as imagens biográficas que apresenta, seus comentários socioeconômicos, os apontamentos científicos, constituem o mais precioso repositório informativo sobre o Paraná tropeiro, anterior à emancipação (MENDONÇA; LACERDA, 2008, p. 32).

No ano de 1827, o Paraná volta a ser visitado por outro ilustre viajante francês, o pintor Jean-Baptiste Debret que fazia parte da Missão Francesa<sup>5</sup>. Para Mendonça e Lacerda:

---

<sup>5</sup>Designa-se Missão Francesa o movimento oriundo de um grupo de artistas e artífices franceses que, deslocando-se para o Brasil no início do século XIX, revolucionou o panorama das belas-artes no país, introduzindo o sistema de ensino superior acadêmico e fortalecendo o neoclassicismo que ali estava iniciando seu aparecimento. A Missão Francesa chegou ao Brasil em Março de 1816, chefiada pelo intelectual Joaquim Lebreton (1760-1819). Faziam parte os pintores Debret e Nicolas Antoine Taunay (1755-1830), o gravador Charles Simon Pradier (1786-1848), os escultores Auguste Marie Taunay (1768-1824), os irmãos Ferrez, Marc (1788-1850). As produções do período fazem parte do acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (MENDONÇA; LACERDA, 2008, p. 33).

A vista feita por Debret<sup>6</sup> é a mais antiga imagem que se conhece da capital paranaense, ainda pequeno aglomerado de casas, quase todas térreas, denominadas pelas três toscas igrejas barrocas: a Sé, o Rosário e a Ordem Terceira de São Francisco (MENDONÇA; LACERDA, 2008, p. 34)

Os primeiros contatos e as relações com a França aos poucos estreitaram-se. Os imigrantes criaram colônias, mesmo não vindo em massa, obtiveram sucesso em marcar sua presença e integrar-se à sociedade curitibana. Algumas das colônias mais importantes fundadas pelos franceses são: Superagüi, Argelina (hoje Bacacheri), Santa Cândida, Órleans e Rivière, cada uma com suas peculiaridades e muitas vezes envolvendo também imigrantes de outras etnias. Na visão de Santos (2010) “o Paraná tem tantos pontos de contato com a França que não é exagero dizer que este estado brasileiro é uma colônia francesa”. Sobre a vasta influência da cultura francesa o autor explica que:

O difícil é “ver” algo sem influência da França no Brasil meridional. Em Curitiba, por exemplo, basta circular pelas ruas para se deparar, por exemplo, com o portão do Passeio Público, referência ao Cemitério de Cães de Paris, ou o Castelo do Batel, edificação construída entre 1924 e 1928, totalmente inspirada em castelos franceses. Os três grandes planos urbanos de Curitiba são de origem francesa. O primeiro, encomendado pelo primeiro presidente da província, Zacarias de Góes e Vasconcellos, tem assinatura do engenheiro francês Pierre Louis Talouis. O urbanista francês Alfred Agache empresta o sobrenome ao plano que estruturou a urbanização da capital na década de 1940. O plano diretor de 1965 também pode ser entendido como made in France (SANTOS, 2010, p. 1).

O incentivo ao fortalecimento das relações entre Brasil e França evidenciou-se especialmente após a Segunda Guerra:

A Aliança Francesa de Curitiba, sobretudo após a Segunda Guerra, distribuiu bolsas a paranaenses, que passaram temporadas na França para ampliar horizontes, respirar outros ares e trazer repertório mais cosmopolita ao Paraná. Poty Lazzarotto, Wilson Martins, Jaime Lerner e Maria Thereza Brito de Lacerda, são alguns dos bolsistas – todos eles se notabilizaram em suas áreas de atuação (SANTOS, 2010, p. 1).

Muitos destes “bolsistas” se tornaram personalidades importantes para a cidade de Curitiba com trabalhos bastante significativos em suas respectivas áreas.

Esse processo de circulação entre França / Brasil influenciou profundamente a intelectualidade paranaense e garantiu espaço para a cultura francesa. No colégio Sion além da cultura difundida por meio dos valores, comportamentos cotidianos, o estudo da língua e da literatura francesa associados a história da França tinham lugar privilegiado no currículo das alunas.

---

<sup>6</sup> Segundo o arquiteto José La Pastina Filho, Debret nunca esteve no Paraná. Apoiado em pesquisas que começou a desenvolver em 1995, em Curitiba e por toda a região sul do Brasil ele aposta que Jean-Baptiste Debret permanecia na corte, no Rio de Janeiro, enquanto discípulos seus percorriam o sul do Brasil e retratavam cenas pitorescas e históricas (MENDONÇA; LACERDA, 2008, p. 43)

Referente ao ensino de línguas<sup>7</sup>, foram adotadas diretrizes específicas para as chamadas línguas vivas estrangeiras (inglês, alemão e francês) as quais estabeleciam a adoção oficial do método direto intuitivo, que versava, entre outras incumbências a capacidade de ensinar um idioma estrangeiro na própria língua estrangeira. Este método foi instituído como oficial de ensino de línguas vivas pelo Decreto Federal nº 20.833, de 21 de Dezembro de 1931:

Art. 1.º – O ensino das línguas vivas estrangeiras (francês, inglês e alemão), no Colégio Pedro II e estabelecimentos de ensino secundário a que este serve de padrão terá caráter eminentemente prático e será ministrado na própria língua que se deseja ensinar, adotando-se o método direto desde a primeira aula. Assim compreendido, tem por fim dotar os jovens brasileiros de três instrumentos práticos e eficientes, destinados não somente a estender o campo da sua cultura literária e de seus conhecimentos científicos, como também a colocá-los *em situação de usar para fins utilitários, da expressão falada e escrita dessas línguas.*

Parágrafo único – O ensino direto fica, nos primeiros anos, a cargo de professores denominados Auxiliares, e, no último, de um professor denominado Dirigente, para cada língua em cada uma das casas do Colégio, ao qual incumbirá também a função de orientar e fiscalizar o trabalho dos Auxiliares (DECRETO Nº 20833, 21/12/1931).

O modelo de educação francesa era rigidamente seguido. Para Lucchesi (2011) “a própria organização curricular no Brasil começou a ser calcada no modelo francês”, e, no que tange à Literatura a autora enfatiza:

A influência da cultura francesa foi ampla e profunda. Foi por meio das traduções francesas que os clássicos da literatura mundial chegaram ao Brasil. A língua francesa intermediou nossa leitura dos clássicos, inclusive gregos e romanos. Também houve uma influência na percepção das questões sociais, inclusive porque não apenas a elite que se alimentava da ideologia francesa, mas também as classes dominadas buscavam sua inspiração nos ideais revolucionários (LUCCHESI, 2011, p. 5).

No Colégio Sion o uso do idioma francês constituía-se como um elemento basilar para a formação das alunas, dentro de uma proposta de ensino calcada nos valores franceses como marcas de civilidade e de distinção social.

## **Considerações finais**

As congregações católicas que chegaram ao Brasil desenvolveram um papel significativo na formação dos jovens, especialmente em relação à educação feminina. A

---

<sup>7</sup> Estudar as disciplinas escolares segundo Chervel (1990), nos possibilita a compreensão não apenas dos conteúdos propriamente ditos, suas mudanças ou alterações, mas principalmente sua função na formação geral dos alunos, uma vez que as disciplinas e os conteúdos fazem parte da cultura escolar, que por sua vez engloba uma complexa ligação com os contextos socioculturais, políticos e religiosos de cada época. A obrigatoriedade do ensino do francês na escola secundária brasileira iniciou-se no século XIX, especificamente em 1837, com a criação do Colégio Pedro II.

igreja católica se encontrava estremeada devido às consequências da Revolução Francesa e com o avanço do Liberalismo, passava por um período de reordenação.

O contexto social em que o Brasil se encontrava cooperou para consolidar a presença destas congregações. Diante das propostas republicanas a igreja buscava firmar ainda mais a sua presença no seio da sociedade. A maioria das congregações que migravam para o Brasil tinham como objetivo principal o trabalho com a Educação, outras desenvolviam trabalhos de cunho social em hospitais, asilos e orfanatos. Entretanto, isso raramente ocorria com as congregações de origem francesa, pois tinham seu trabalho pautado na formação da elite, efetivando ações sociais de maneira secundária.

Compreender os sentidos da presença e da atuação das congregações francesas, especialmente a congregação Nossa Senhora de Sion, na Educação brasileira é fundamental para entender um dos caminhos de circulação dos modelos culturais e pedagógicos e alguns dispositivos de formação de uma elite feminina na qual se imprimiu - porque se almejava - as marcas da cultura e da civilização francesa. Mas, um olhar mais atento para essas congregações também permite perceber modos de empoderamento feminino pela via da Educação, perspectiva que indica a potência de ser melhor explorada na historiografia.

## REFERÊNCIAS

- ACHNITZ, Sonia Alves. Catolicismo ultramontano e educação feminina: o colégio Nossa Senhora de Sion. In: Colóquio de pesquisas sobre as instituições escolares, 4. **Anais IV Colóquio de pesquisas sobre instituições escolares**. UNINOVE, 2006.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Manuais escolares franceses no imperial colégio de Pedro II (1856-1892). **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 26 p. 39-58, Set/Dez 2008. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em: 14/09/2015.
- BISCAIA, Maria do Rocio. **Origem do Colégio Nossa Senhora de Sion**. In: COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SION. Memórias. Colégio Nossa Senhora de Sion/ilustrações Marina Zagonoel Pereira. Curitiba: Gráfica Infante, 2006.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, nº2, Porto Alegre: Pannonica Editora, 1990.
- COELHO, Ricardo Corrêa. **Os franceses**. Ricardo Corrêa Coelho. São Paulo: Contexto, 2013.
- COLOMBO, Maria Alzira da Cruz. **Sion** – da Belle Époque aos nossos dias. São Paulo: Colégio Nossa Senhora de Sion, 2013.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- JONES, Colin; ARDAGH, John. **França**: grandes civilizações do passado. S./l.: Andromeda Oxford Ltda, 2007.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos**. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo / Paula Leonardi. Orientadora Maria Lucia S. Hilsfort. São Paulo: s.n., 2008.

LEONARDI, Paula. **Puríssimo Coração: um colégio de elite em Rio Claro**. Dissertação de mestrado

LEONARDI, Paula. **Construção da memória em congregações católicas: práticas e imagens agentes**. Cadernos de História da Educação v. 12, n. 1, jan/jun de 2013. . Faculdade de Educação Unicamp, Campinas, São Paulo, 2002.

LUCCHESI, Martha Abrahão Saad. **O ensino superior brasileiro e a influência do modelo francês**. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/29534/7.2.pdf?sequence=1>> Acesso em: 01/10/2015.

MISAKA, Cinthia Sayuri; LEONARDI, Paula. **Repercussão da chegada de congregações religiosas femininas e de suas ações através do jornal O Estado de São Paulo (1902-1903)**. Faculdade de Educação USP, 2010. Disponível em: <[www4.fe.usp.br/pesquisa-arquivos/public6/index.html](http://www4.fe.usp.br/pesquisa-arquivos/public6/index.html)> Acesso em Jan. 2015.

MENDONÇA, Maí Nascimento. **Os franceses no Paraná** / Maí Nascimento Mendonça; Maria Thereza Brito de Lacerda. Curitiba: Aliança Francesa, 2009.

N.D.S – SION CURITIBA. **Colégio Nossa Senhora de Sion**. Disponível em: <[www.sionbrasil.com.br](http://www.sionbrasil.com.br)> Acesso em: 27/01/2015.

SANTOS, Márcio Renato dos. **A França de cada um**. Caderno G, 14/11/2010. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/a-franca-de-cada-um-0mddagk2op73vr407jyf04v9q>. Acesso em 23/08/2015.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996.

## **FONTES DOCUMENTAIS**

BOLETIM DA DIOCESE DE CURITIBA-PR. **A arquidiocese de Curitiba na sua história**. Junho 1914.

BOLETIM ECLESIAÍSTICO DA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA – PR. Ano XIX, n. 32, 1955.

\_\_\_\_\_. Ano XX, n.33, 1956

\_\_\_\_\_. Ano XXI, n. 34 , 1957

\_\_\_\_\_. Ano XXVII, n. 40, 1964

\_\_\_\_\_. Ano XXX, n. 43, 1967

\_\_\_\_\_. Ano XXXI, n. 44, 1968.

BRASIL, DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Decreto nº 24.772, de 7 de abril de 1948.** Diário Oficial da União – Sessão 1 – 19/05/1948.

BRASIL, DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Decreto n. 20.833, de 21 de Dezembro de 1931.** Página 7589 (publicação original). Coleção de leis do Brasil -1948, página 35, Vol. 4 (publicação original).

NOTRE DAME DE SION. **Ata das sessões capitulares**, 18/08/1946.

**RELATÓRIO DO ANTIGO SION DE CURITIBA.** Fundação Cultural de Curitiba. 2002.